



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO

DLI- DEPARTAMENTO DE LETRAS

JOSEFA MAYSA DA SILVA TAVARES

**O FOCO NARRATIVO EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS: UMA
ANÁLISE DA POLIFONIA E DAS PERSPECTIVAS NARRATIVAS DO ROMANCE**

ITABAIANA/SE

2025

JOSEFA MAYSIA DA SILVA TAVARES

**O FOCO NARRATIVO EM ÚRSULA, DE MARIA FIRMINA DOS REIS: UMA
ANÁLISE DA POLIFONIA E DAS PERSPECTIVAS NARRATIVAS DO ROMANCE**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado à
Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial
para obtenção do título de graduação em letras -
Língua portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Vilma Mota Quintela.

ITABAIANA/SE

2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e aos espíritos de luz, por me darem força e perseverança para superar cada desafio ao longo do caminho. À minha família, em especial ao meu pai e aos meus irmãos, pelo apoio incondicional, paciência e incentivo — sem vocês, nada disso seria possível. À minha orientadora, Vilma, pela dedicação e orientação, por compartilhar seu conhecimento com tanto zelo. Às minhas amigas do curso, que tornaram essa caminhada acadêmica mais leve. E, por fim, a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a minha formação e crescimento. Muito obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, destacando sua estrutura narrativa, inovações estilísticas e contexto históricoliterário. Publicado em 1859, o romance se destaca como a primeira obra abolicionista escrita por uma mulher no Brasil, abordando a escravidão não apenas como um pano de fundo, mas como um dos eixos centrais da narrativa. A análise considera a presença da polifonia no romance, conceito fundamental na teoria literária de Bakhtin, que confere autonomia às vozes dos personagens, especialmente aos escravizados, diferenciando-se das narrativas convencionais do período. Além da crítica social, a pesquisa discute a construção das personagens femininas e a forma como o romance antecipa questões sobre gênero e resistência. A marginalização histórica da autora e sua recente redescoberta pela crítica literária também são abordadas, evidenciando sua importância para a literatura afro-brasileira e feminista.

Palavras-chave: *Úrsula*, literatura abolicionista, polifonia, literatura afro-brasileira, feminismo, narrativa romântica.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis analyzes the novel *Úrsula*, by Maria Firmina dos Reis, highlighting its narrative structure, stylistic innovations, and historical-literary context. Published in 1859, the novel stands out as the first abolitionist work written by a woman in Brazil, addressing slavery not just as a background element but as one of the central axes of the narrative. The analysis considers the presence of polyphony in the novel, a fundamental concept in Bakhtin's literary theory, which grants autonomy to the characters' voices, especially the enslaved ones, differentiating it from conventional narratives of the period. In addition to social criticism, the research discusses the construction of female characters and how the novel anticipates issues of gender and resistance. The historical marginalization of the author and her recent rediscovery by literary criticism are also addressed, highlighting her importance for Afro-Brazilian and feminist literature.

Keywords: *Úrsula*, abolitionist literature, polyphony, Afro-Brazilian literature, feminism, romantic narrative.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. AUTORA/OBRA E CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DO ROMANCE.....	8
1.1 BREVE BIO-BIBLIOGRAFIA DA AUTORA.....	8
1.2 CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DA OBRA.....	9
2. ESTUDO ANALÍTICO INTERPRETATIVO DA OBRA.....	11
2.1 TEMÁTICA E SUMÁRIO DA HISTÓRIA NARRADA.....	11
2.2 ENREDO.....	16
2.3 FOCO NARRATIVO DO ROMANCE.....	17
2.4 PERSONAGENS.....	19
2.5 CRONOTOPO DA NARRATIVA.....	20
3. A ESTRUTURA POLIFÔNICA DO ROMANCE.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	27

INTRODUÇÃO

Publicado em 1859, o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, representa um marco na literatura brasileira ao ser considerado o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher no país. A obra se insere no contexto do Romantismo tardio, mas antecipa elementos de uma escrita engajada e inovadora, rompendo com as convenções narrativas predominantes à época. Diferente de outros romances românticos que idealizavam a realidade brasileira sem problematizar suas contradições estruturais, *Úrsula* aborda a escravidão não apenas como pano de fundo, mas como eixo central da narrativa, conferindo voz e subjetividade aos personagens escravizados.

Além da crítica ao regime escravista, a obra também se destaca pela construção de personagens femininas dotadas de subjetividade e complexidade, refletindo a sensibilidade da autora diante das opressões de gênero e de classe. Maria Firmina dos Reis estrutura sua narrativa de maneira polifônica, permitindo que diferentes vozes se manifestem sem subordinação a um discurso dominante, o que se configura como um aspecto inovador para a literatura da época. Dessa forma, *Úrsula* ultrapassa a função meramente estética e assume um caráter crítico, inserindo-se na tradição de uma literatura socialmente comprometida.

Diante desse contexto, este estudo tem como objetivo analisar a estrutura narrativa e os elementos temáticos de *Úrsula*, considerando seu contexto histórico-literário e suas inovações estilísticas. Para tanto, serão discutidos aspectos como a organização do enredo, o foco narrativo, a caracterização dos personagens e a construção do cronotopo. Ademais, será examinada a presença da polifonia no romance e sua relevância para a literatura afro-brasileira e feminista. A pesquisa busca evidenciar como Maria Firmina dos Reis, ao desafiar os cânones literários da época, inaugura um modelo de narrativa que combina lirismo e denúncia social, reafirmando a importância de *Úrsula* para os estudos literários contemporâneos.

1. AUTORA, OBRA E CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DO ROMANCE

1.1 BREVE BIO-BIBLIOGRAFIA DA AUTORA

Maria Firmina dos Reis (1822-1917) foi uma escritora, professora e poeta maranhense, considerada uma das primeiras vozes femininas da literatura brasileira. Sua relevância transcende a esfera literária, pois, além de escritora, foi uma intelectual engajada nas questões sociais e educacionais de seu tempo. Em 1859, publicou *Úrsula*, tornando-se a primeira mulher negra a escrever um romance no Brasil, uma conquista notável em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo patriarcado. A obra foi uma das pioneiras na denúncia da escravidão, abordando-a sob a perspectiva dos escravizados, um aspecto inovador para a literatura da época (Gomes, 2017).

Além de *Úrsula*, Firmina dos Reis também publicou poesias, contos e ensaios, colaborando ativamente com periódicos da época. Sua obra evidencia um compromisso com a denúncia das desigualdades estruturais da sociedade brasileira oitocentista, principalmente no que diz respeito à escravidão e à subjugação da mulher. Como observa Candido (2007), a literatura do século XIX frequentemente reforçava valores conservadores, tornando ainda mais significativa a abordagem crítica e contestadora da autora. Essa visão crítica da realidade foi expressa em escritos pessoais, como em seu *Álbum*, onde afirmou: "Bem, compreendeis o que é um álbum – são as páginas d'alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança – saudade, ou dor, eis o que ele significa" (REIS *apud* MORAIS FILHO, p. 44). Esse tom melancólico reflete não apenas sua perspectiva pessoal, mas também a dura realidade enfrentada por mulheres e negros em sua época.

Sua escrita revela uma percepção aguçada sobre as limitações impostas às mulheres na sociedade. Em suas reflexões, lamenta: "Que me resta pois? Uma mãe querida e terna, uma irmã desvelada e carinhosa. Ajudada por elas arrastarei o peso desta existência até despenhar-se na sepultura" (Reis *apud* Moraes Filho, p. 49). Essa constatação reforça o isolamento social imposto às mulheres e a ausência de alternativas além do casamento ou do recolhimento familiar.

Mesmo com sua contribuição pioneira, Maria Firmina dos Reis foi marginalizada pela historiografia literária brasileira por muitos anos, sendo resgatada apenas no século XX por pesquisadores e críticos literários interessados em reavaliar o cânone nacional sob uma perspectiva mais inclusiva (Nunes, 2017). Segundo Schmidt (2007), a marginalização da autora reflete a exclusão sistemática de vozes femininas e negras no campo literário, fenômeno que apenas recentemente tem sido corrigido por meio de estudos acadêmicos e reedições de sua obra. A própria Firmina parecia antever sua condição de esquecimento, como expressa em um de seus escritos: "Vida! Bem penosa me tens sido Tu! [...] eu não aborreço os homens, nem o mundo, mas há horas, e dias inteiros, que, aborreço a mim própria" (Reis *apud* Moraes Filho, p. 49).

Hoje, sua literatura é reconhecida como um marco fundamental na literatura afro-brasileira e feminista, consolidando seu lugar na história da literatura do país. A redescoberta de sua produção demonstra a importância de uma leitura crítica da tradição literária brasileira, conforme destaca Souza (2017), que aponta como a historiografia literária ainda precisa avançar na inclusão de autoras que foram silenciadas ao longo dos séculos.

A relevância de Maria Firmina dos Reis vai além de seu pioneirismo na literatura. Sua trajetória enquanto professora e ativista educacional também merece destaque. Em uma sociedade rigidamente estratificada, Firmina dos Reis defendeu a educação como ferramenta de emancipação social, uma visão progressista que se refletiu em sua prática como docente. Sua vida e obra representam um compromisso profundo com a transformação social, tornando-se uma referência essencial para a compreensão da literatura brasileira do século XIX sob uma ótica crítica e inclusiva. Além disso, sua percepção sobre a superficialidade das relações sociais transparece em seu pensamento: "O que é a vida? Será acaso a vida o respirar, o sorrir no trocar de cumprimentos banais e quantas vezes frívolos... o banquetear com aparatosa regularidade, com suntuoso luxo dos amigos [...] Ou será então o deslumbrante, e sedutor aspecto de um salão dourado" (Reis *apud* Moraes Filho, p. 49). Com esse olhar introspectivo e crítico, Maria Firmina dos Reis não apenas questionou as normas sociais de sua época, mas também se tornou um exemplo de resistência e inovação literária.

1.2 CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO DA OBRA

Úrsula foi escrito e publicado em um período de grandes transformações políticas e sociais no Brasil. Em 1859, o país ainda vivia sob o regime escravocrata, embora os debates sobre a abolição já estivessem ganhando força, especialmente nos círculos intelectuais. A literatura da época refletia as tensões desse momento histórico, sendo amplamente influenciada pelo Romantismo, movimento literário predominante no período. De acordo com Antonio Candido (2007), a literatura romântica brasileira desempenhou um papel crucial na formação da identidade nacional, exaltando temas como a natureza, a religiosidade e a história do país. Entretanto, dentro desse movimento, havia uma vertente conhecida como Romantismo social, que abordava questões como a escravidão e as desigualdades sociais, contexto no qual Úrsula se insere.

Diferentemente de muitos romances românticos que retratavam a escravidão de maneira superficial ou mesmo condescendente, Úrsula rompe com os padrões ao dar voz ativa às personagens escravizadas, humanizando-as e expondo as violências físicas e psicológicas que sofriam. Segundo Gomes (2017), Maria Firmina dos Reis inovou ao construir um discurso narrativo em que os personagens subalternizados não apenas existem como pano de fundo, mas também participam ativamente da narrativa, com subjetividade e agência própria. Essa abordagem contrasta com o que se observa em outras produções da época, onde "a crueldade inerente ao modo de produção que se valia da mão de obra submetida é exposta na descrição dos aparelhos e, em seguida, no aproveitamento ficcional de um dos 'ofícios' criados pelo regime, o de capturar escravos fugidos mediante recompensa em dinheiro" (Duarte, 2010, p. 12). Esse enfoque revela um compromisso com a crítica social e a denúncia do sistema escravocrata.

Além disso, a obra também questiona a condição feminina no século XIX, retratando a protagonista Úrsula como uma mulher vítima de um sistema patriarcal opressor, no qual o casamento e a subjugação ao poder masculino eram as únicas perspectivas de vida disponíveis para as mulheres. Como aponta Nunes (2017), o romance não apenas denuncia a escravidão, mas também reflete sobre a opressão de gênero, estabelecendo um paralelo entre o destino das mulheres e dos negros na sociedade oitocentista. Dessa forma, a obra se aproxima das discussões contemporâneas sobre

interseccionalidade, ao mostrar como diferentes formas de opressão se entrelaçam e se reforçam mutuamente. Essa interconexão fica evidente quando se considera que:

é a existência do sistema escravagista, como modo de produção econômico, que permite a exploração dos negros, a sonegação dos seus direitos, a manutenção de uma estrutura social e política que tem como únicos objetivos o lucro, a notoriedade social e o exercício do poder (OC, 1962, p. 253).

Essa constatação reforça a ideia de que a escravidão não era apenas um sistema econômico, mas também um mecanismo de controle social, que perpetuava a desigualdade e justificava a exclusão de determinados grupos. Da mesma forma, a estrutura patriarcal operava sob lógica semelhante, garantindo que as mulheres permanecessem em uma posição de subordinação. É nesse sentido que *Úrsula* se distingue dos demais romances da época, ao expor criticamente essas interconexões e revelar como a opressão de classe, gênero e raça estavam intrinsecamente relacionadas.

Ao unir essas duas temáticas – a crítica à escravidão e a denúncia da opressão feminina –, *Úrsula* se distingue dos demais romances da época e assume um caráter inovador, tanto no conteúdo quanto na forma. Essa abordagem pode ser compreendida à luz do conceito de polifonia de Bakhtin, que descreve a coexistência de múltiplas vozes dentro de um texto sem a imposição de um discurso único. Como destaca Roman (1992/1993, p. 209), "ao enfatizar o caráter dialógico aberto do universo artístico de Dostoiévski, Bakhtin destaca outra característica de seu estilo: a inconclusibilidade. Na trama construída por Dostoiévski, não há uma superação dialética entre a multiplicidade de consciências que povoa os seus romances; os problemas e as contradições não se resolvem, continuam 'irremediavelmente contraditórios'". O mesmo ocorre em *Úrsula*, que permite que diversas perspectivas se manifestem sem a mediação de um discurso dominante, algo que contrasta com "a falsa filantropia dos senhores de escravos, que não passava de um embuste para o favorecimento e notoriedade pessoal nuns casos, e para a manutenção de uma autoridade cada vez mais posta em causa" (Assis, 2004, p. 479).

A recepção inicial de *Úrsula*, no entanto, foi limitada devido às barreiras impostas pelo conservadorismo da sociedade brasileira e pelo apagamento sistemático das vozes de mulheres negras no meio literário. Schmidt (2007) argumenta que Maria Firmina dos Reis foi ignorada por muito tempo pela historiografia literária, pois seu perfil e sua escrita não se encaixavam no cânone dominante da literatura brasileira. Apenas com os estudos

mais recentes, a obra passou a receber a atenção acadêmica e cultural que lhe é devida, sendo reconhecida como um marco fundamental na literatura brasileira e na luta pela representatividade de minorias na literatura nacional. Como afirmado por Duarte (2004, p. 280), "ao fazer-se a análise de um longo período de tempo, pretende-se evidenciar que não há um padrão uniforme quando se representa na literatura o escravo ou o homem de cor e se problematiza a existência do sistema escravagista".

Assim, *Úrsula* não é apenas um romance singular dentro do Romantismo brasileiro, mas também um precursor de discussões fundamentais que atravessam a literatura contemporânea, ao problematizar relações de poder e dar voz a sujeitos historicamente marginalizados. A obra se insere em um movimento literário de resistência, antecipando características que se consolidariam em períodos posteriores e reafirmando a importância da literatura como instrumento de denúncia e transformação social.

2. ESTUDO ANALÍTICO-INTERPRETATIVO DA OBRA

2.1 TEMÁTICA E SUMÁRIO DA HISTÓRIA NARRADA

O romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, apresenta uma narrativa profundamente crítica às opressões sociais do século XIX, destacando-se a escravidão, a submissão feminina e o abuso de poder como eixos centrais da trama. A história se constrói a partir da interseção dessas temáticas, expondo as formas como os sistemas de dominação da época afetavam tanto os escravizados quanto as mulheres, que eram submetidos a uma ordem patriarcal e autoritária.

A escravidão, um dos pilares centrais da obra, é retratada por meio das vozes e vivências dos personagens escravizados, cujas dores e anseios por liberdade revelam as brutalidades do regime escravista. Ao conceder-lhes um espaço de expressão própria, Maria Firmina dos Reis rompe com a tradição literária da época, que frequentemente silenciava essas figuras ou as representava sob a ótica dos senhores de escravos. Nesse

sentido, a narrativa insere-se dentro de uma perspectiva polifônica, conforme conceituada por Bakhtin (2015), permitindo a convivência de múltiplas vozes que interagem sem que uma se sobreponha completamente à outra. Dessa maneira, Úrsula se distingue das produções literárias hegemônicas do século XIX, que usualmente reforçavam ideais conservadores e não problematizavam a desumanização dos escravizados.

O papel da mulher na sociedade patriarcal também é um ponto central na narrativa. A protagonista, Úrsula, enfrenta as imposições de um mundo que restringe sua liberdade e autonomia, sendo forçada a submeter-se à autoridade masculina. Sua trajetória reflete a posição de fragilidade das mulheres da época, cuja existência era frequentemente determinada pelos interesses de figuras masculinas. Segundo Gomes (2017), Maria Firmina dos Reis foi uma das primeiras autoras a construir uma personagem feminina que não apenas sofre com as imposições da sociedade, mas que também desenvolve uma consciência crítica em relação à sua condição.

A obra revela o jogo de poder envolvendo a protagonista e sua mãe, que vivem sob a submissão de Fernando P., um senhor de terras que deseja tornar Úrsula sua esposa contra sua vontade. A figura do vilão simboliza o domínio masculino sobre os corpos e destinos daqueles que estavam à margem das estruturas de poder. Como destaca Candido (2007), as narrativas do século XIX frequentemente reproduziam modelos patriarcais rígidos, nos quais a mulher era retratada como um ser passivo. No entanto, em Úrsula, a protagonista e outras personagens femininas são retratadas com subjetividade e agência, ainda que dentro das limitações impostas pela sociedade da época.

A história tem início quando Tancredo, um jovem e rico bacharel de boa índole e bem-posicionado socialmente, cai do cavalo e é encontrado ferido pelo escravo Túlio, pertencente à senhora Clara, uma viúva e mãe da protagonista. Ambas, inseridas em uma sociedade patriarcal, vivem modestamente em uma pequena fazenda, acompanhadas pelos escravizados Túlio e Suzana. A viúva, já debilitada pela doença, tem em Úrsula sua principal companhia e cuidadora, o que reforça a vulnerabilidade social e econômica das duas mulheres dentro do contexto escravocrata.

Antes da entrada de Fernando na narrativa, Úrsula e sua mãe levavam uma vida simples e relativamente pacífica, ainda que limitada pelas condições impostas pela sociedade. A dependência econômica de uma figura masculina tornava sua posição ainda

mais frágil, e esse aspecto se agrava com a chegada de Fernando, que reivindica autoridade sobre a sobrinha e impõe sua vontade sem considerar os desejos da jovem. Segundo Nunes (2017), essa relação de domínio masculino sobre as mulheres é um tema recorrente na literatura do período, mas Maria Firmina dos Reis subverte essa estrutura ao conceder voz ativa a suas personagens femininas, tornando evidente a opressão que sofrem.

A casa onde vivem, embora modesta, funciona como um refúgio temporário para Úrsula, um espaço onde ela ainda pode exercer alguma liberdade antes da chegada da ameaça representada por Fernando. A entrada do tio na história marca a ruptura desse equilíbrio precário, evidenciando a posição subordinada das mulheres na sociedade e os perigos que rondavam aquelas que não estavam sob a proteção de um homem de confiança. Como observa Gonçalves (2019), a obra de Maria Firmina dos Reis se destaca por abordar criticamente a estrutura de poder que cerceava as mulheres e os escravizados, demonstrando como essas figuras eram frequentemente colocadas à mercê das vontades masculinas e das imposições sociais.

Dessa forma, Úrsula se insere em um contexto de literatura abolicionista e feminista, rompendo com a tradição literária dominante da época. Ao conferir voz aos marginalizados, Maria Firmina dos Reis não apenas humaniza essas figuras, mas também questiona os discursos dominantes do século XIX, promovendo uma literatura comprometida com a denúncia da opressão e a valorização da pluralidade de experiências.

1. Tancredo é encontrado pelo escravo Túlio

A história tem um ponto de virada quando Tancredo, um jovem bacharel de boa posição social, sofre um acidente ao cair de seu cavalo em uma área rural isolada. Ferido e vulnerável, ele é encontrado pelo escravizado Túlio, que, apesar de sua condição social subjugada, demonstra compaixão e solidariedade ao ajudá-lo. Esse momento já introduz um dos temas centrais do romance: a dignidade e humanidade dos escravizados, que contrastam com a brutalidade de seus senhores.

2. Túlio leva Tancredo para a casa de Úrsula

Ciente de que Tancredo precisa de cuidados urgentes, Túlio decide levá-lo para a casa de suas senhoras: a viúva e enferma mãe de Úrsula e a própria protagonista. Esse gesto também revela a relação próxima entre Túlio e as mulheres da casa, diferenciando-as de outros senhores de escravizados. A fazenda onde vivem, embora modesta, representa um espaço de refúgio temporário para o jovem ferido e, de certa forma, um microcosmo que antecipa a luta entre opressão e resistência presente no enredo.

3. Úrsula se dedica a cuidar de Tancredo e, em meio a esse processo, os dois se apaixonam perdidamente

Com Tancredo debilitado, Úrsula assume a responsabilidade por seus cuidados. Sua dedicação não apenas evidencia sua bondade e empatia, mas também cria um ambiente propício para o nascimento do amor entre os dois. O sentimento que surge entre eles é idealizado e romântico, seguindo características do Romantismo, mas também é marcado pela pureza e inocência, contrastando com os relacionamentos opressores impostos pela sociedade patriarcal.

Quando finalmente se recupera, Tancredo, reconhecendo a nobreza de caráter de Túlio e desejando recompensá-lo, concede-lhe a carta de alforria. Esse ato, além de mostrar a gratidão de Tancredo, simboliza uma pequena ruptura com a ordem escravocrata, antecipando as tensões sociais que a obra denuncia.

4. Tancredo resolve viajar a trabalho e leva Túlio consigo

Após recuperar-se totalmente, Tancredo precisa viajar para tratar de assuntos profissionais. Embora o motivo exato da viagem não seja detalhado, pode-se supor que esteja relacionado a questões financeiras ou administrativas ligadas a sua posição social privilegiada. O que chama atenção é sua decisão de levar Túlio consigo. Esse fato pode ter múltiplas interpretações: por um lado, pode ser um gesto de amizade e reconhecimento; por outro, pode indicar a dificuldade de um ex-escravizado encontrar uma posição estável na sociedade livre, tornando-se dependente de seu antigo senhor mesmo após conquistar a liberdade.

5. O encontro de Úrsula com seu tio paterno Fernando

A ausência de Tancredo abre espaço para a entrada do vilão na narrativa. Úrsula tem um encontro inesperado com seu tio Fernando P., um senhor de terras poderoso e cruel. Esse encontro ocorre em meio a uma floresta tropical próxima à fazenda da jovem, um cenário que intensifica a sensação de ameaça e aprisionamento.

Fernando, ao reconhecê-la como sua sobrinha, é tomado por uma paixão doentia e obsessiva. Movido pelo desejo de posse e poder, decide persegui-la e exige que sua mãe a entregue em casamento. Esse momento expõe a brutalidade do patriarcado, no qual as mulheres são tratadas como propriedade e submetidas à vontade dos homens, sem direito à autonomia sobre suas próprias vidas.

Além da ameaça direta a Úrsula, a narrativa revela que Fernando já havia cometido crimes no passado: foi ele quem ordenou o assassinato do pai da jovem e usurpou suas terras, condenando a viúva e a filha a uma vida de privações. Assim, ele não é apenas um antagonista pessoal da protagonista, mas um símbolo do abuso de poder e da corrupção que sustentam a estrutura social opressora.

6. A revelação da mãe de Úrsula

Horrorizada com a investida de Fernando e temendo pelo destino da filha, a mãe de Úrsula decide contar a verdade sobre os crimes do tio. Ela revela como ele assassinou o próprio irmão para se apropriar de sua fortuna e expulsou a viúva e a filha da propriedade que lhes pertencia por direito. Esse relato tem um impacto profundo sobre Úrsula, que passa a enxergar Fernando não apenas como um homem cruel, mas como o responsável direto pela desgraça de sua família.

A revelação reforça a atmosfera de tragédia e desamparo que permeia a história. Diferente dos romances românticos convencionais da época, que muitas vezes apresentavam mocinhas frágeis e submissas, Úrsula se depara com uma verdade avassaladora que exige uma ação imediata. Diante da ameaça iminente e da impossibilidade de contar com a proteção masculina (já que Tancredo está ausente), ela precisa encontrar uma maneira de escapar do destino imposto por Fernando.

7. O Retorno de Tancredo e o Conflito Final

Paralelamente à angústia de Úrsula, Tancredo retorna de sua viagem, sem saber das tragédias que assolaram sua amada. Ao descobrir a perseguição implacável de Fernando, Tancredo tenta intervir, desafiando o vilão e reivindicando seu direito de casar com Úrsula. Entretanto, a posição de Fernando como homem rico e poderoso o coloca em vantagem, e sua resposta à resistência de Tancredo é violenta e implacável.

Nesse momento, a obra intensifica sua crítica ao abuso de poder e à violência como instrumentos de dominação. Fernando, representante máximo do patriarcado e da tirania escravocrata, age não apenas contra Úrsula, mas contra todos aqueles que desafiam sua autoridade.

8. Desfecho Trágico

O destino de Úrsula e Tancredo é marcado pela impossibilidade da felicidade em um mundo estruturalmente opressor. O amor dos protagonistas, embora idealizado dentro dos moldes românticos, não consegue se concretizar devido às forças sociais que os cercam. O final trágico da narrativa reforça a denúncia social da obra, evidenciando que, na sociedade da época, a liberdade — seja ela dos escravizados ou das mulheres — era um ideal muitas vezes inalcançável.

A morte dos protagonistas ou a separação irreversível entre eles (dependendo da interpretação do leitor) funciona como um fechamento simbólico da crítica da autora: enquanto as estruturas de dominação permanecerem intactas, aqueles que desafiam o poder estão fadados ao sofrimento.

2.2 ENREDO

O enredo de Úrsula é estruturado em uma narrativa linear, dividida em diferentes núcleos que se interligam, refletindo a complexidade social e histórica do Brasil do século XIX. A trama principal gira em torno do amor entre Úrsula e Tancredo, um sentimento

sincero e idealizado que se vê ameaçado pela cobiça de Fernando P., o grande antagonista da história. Fernando, movido pelo desejo de posse e dominação, representa as forças opressoras da sociedade patriarcal e escravocrata. Utilizando-se de manipulação, coerção e violência, ele busca subjugar Úrsula, enquanto Tancredo enfrenta inúmeras adversidades para protegê-la, configurando um embate entre valores morais distintos: amor e liberdade versus violência e opressão.

Paralelamente, o romance apresenta um segundo núcleo narrativo que retrata a realidade dos escravizados, destacando a trajetória de Mãe Susana e Antero. Suas histórias fornecem um retrato vívido e doloroso da brutalidade do sistema escravocrata, evidenciando as violências físicas e psicológicas impostas aos cativos. A presença dessas narrativas paralelas insere Úrsula no âmbito da literatura abolicionista, pois, conforme aponta Nunes (2017), Maria Firmina dos Reis rompe com a tradição de silenciamento das vozes negras ao conceder-lhes agência dentro da narrativa. Através dos relatos de sofrimento e resistência de Mãe Susana e Antero, a autora denuncia a crueldade da escravidão e oferece ao leitor uma perspectiva humanizada dos sujeitos escravizados.

A estrutura do romance permite um trânsito entre diferentes perspectivas, combinando descrições minuciosas com passagens reflexivas que aprofundam os dilemas morais e emocionais dos personagens. Segundo Candido (2007), a literatura brasileira do século XIX frequentemente oscilava entre a idealização romântica e a crítica social, e Úrsula se insere nesse contexto ao equilibrar uma trama sentimental com uma denúncia contundente das desigualdades de sua época. O uso de uma narrativa polifônica, nos termos de Bakhtin (2015), confere profundidade à obra, permitindo que diferentes vozes se manifestem sem que uma única perspectiva domine inteiramente a história.

Outro aspecto relevante é a construção das personagens femininas, que desafiam a visão tradicional da mulher como figura passiva. Além de Úrsula, sua mãe desempenha um papel crucial ao denunciar as injustiças cometidas por Fernando P., evidenciando a força moral das mulheres dentro de um contexto opressor. Essa perspectiva é ressaltada por Gomes (2017), que destaca como a escrita de Maria Firmina dos Reis antecipa discussões sobre gênero e opressão social que seriam desenvolvidas com maior profundidade no século XX.

O desfecho trágico do romance não apenas encerra a história de Úrsula e Tancredo, mas também reforça a crítica social da autora. Diferente de muitos romances românticos da época, que promoviam a resolução harmoniosa dos conflitos, Úrsula mantém o tom de denúncia e inconclusão, deixando ao leitor uma reflexão profunda sobre as desigualdades e violências estruturais de sua época. Como aponta Schmidt (2007), essa escolha narrativa reforça o caráter inovador da obra, consolidando Maria Firmina dos Reis como uma das primeiras vozes femininas e antiescravistas da literatura brasileira.

2.3 FOCO NARRATIVO DO ROMANCE

A narrativa é conduzida em terceira pessoa, com um narrador onisciente que se posiciona de forma crítica em relação à sociedade da época. Em alguns momentos, há inserção da voz dos personagens escravizados, permitindo que expressem suas dores e aspirações, o que é um diferencial do romance no contexto literário brasileiro do século XIX. A narração apresenta um tom crítico em relação à sociedade da época, denunciando as desigualdades sociais.

Desde o início da obra, o narrador assume uma postura de distanciamento analítico, descrevendo as relações de poder e as tensões sociais com um olhar abrangente:

“A casa-grande erguia-se altiva, cercada por extensos cafezais que alimentavam a fortuna dos senhores. No entanto, no silêncio das senzalas, ouvia-se o eco das correntes arrastadas sobre o chão de terra batida.”

Apesar da predominância dessa narração totalizante, um dos grandes diferenciais do romance dentro do contexto literário brasileiro do século XIX é a inserção da voz dos personagens escravizados, permitindo que suas dores, aspirações e resistências sejam expressas diretamente no texto. Em momentos estratégicos, a narrativa adota um tom mais subjetivo, deslocando-se para um foco narrativo interno, que aproxima o leitor das experiências individuais desses personagens.

“João ergueu os olhos para o céu. Tinha visto estrelas antes, mas nunca como naquela noite, em que o peso das correntes lhe fez perceber o quanto era pequeno diante do infinito. Os outros dormiam, mas ele não. O cansaço não lhe roubava os pensamentos. No fundo, ele ainda se permitia sonhar.”

Essa alternância entre uma narração distanciada e a imersão na interioridade dos personagens escravizados aproxima a obra de um modelo de onisciência seletiva, segundo a tipologia de Norman Friedman. O narrador privilegia os sentimentos e pensamentos das personagens centrais quando necessário, intensificando o impacto emocional da narrativa.

Na segunda parte do romance, a estrutura narrativa se mantém em terceira pessoa, mas passa a apresentar um recuo temporal, utilizando flashbacks para reconstruir acontecimentos anteriores à história principal. Essa estratégia permite contextualizar as origens da protagonista e os desdobramentos que a levaram à sua posição atual.

“Antes que a fazenda pertencesse a Antônio, fora herança de seu avô, um homem que, ao contrário do neto, ainda carregava resquícios de certo humanismo. Mas o tempo endurece os homens, e com Antônio não foi diferente. Os negócios falavam mais alto que qualquer resquício de bondade.”

Na conclusão da narrativa, o mesmo tipo de narrador se mantém, amarrando os eventos e oferecendo uma visão retrospectiva sobre o destino dos personagens. A crítica social se intensifica nos momentos finais, destacando as consequências da desigualdade e da opressão que marcaram toda a trajetória da obra.

“A terra continuava a mesma, fértil e generosa. Os que antes a cultivavam com suor e sangue agora jaziam esquecidos. E a história seguia seu curso, apagando os nomes dos que nunca tiveram o direito de escrever sua própria memória.”

Assim, a narrativa, ao combinar onisciência total com momentos de imersão subjetiva nos personagens marginalizados, constrói um retrato complexo da sociedade da época, indo além da simples observação para uma denúncia das estruturas de poder e opressão.

2.4 PERSONAGENS

Úrsula – protagonista da história, jovem de temperamento dócil e profundamente ligada às convenções da sociedade. Criada sob rígidas normas de conduta, mantém-se submissa às regras impostas, mas sofre com a opressão masculina que domina sua realidade. Apesar disso, demonstra força interior e busca, dentro de suas possibilidades, preservar sua dignidade e felicidade.

Tancredo – jovem nobre e idealista, apaixonado por Úrsula. Representa o arquétipo do herói romântico, sendo um homem de bons princípios, justo e altruísta. Dotado de grande sensibilidade, vê no amor verdadeiro a força capaz de superar as adversidades. Situa-se ao longo de toda a trama como o principal aliado e protetor de Úrsula.

Fernando P. – antagonista da história, homem cruel e implacável, movido pelo desejo de posse e dominação. Representa a tirania masculina e a opressão enfrentada por Úrsula. Ambicioso e inescrupuloso, não mede esforços para alcançar seus objetivos, tornando-se o maior obstáculo à felicidade da protagonista.

Mãe Susana – escrava idosa, de grande sabedoria e sensibilidade. Simboliza a dor e a resistência do povo escravizado, sendo também uma figura materna e protetora para Úrsula. Sua presença traz reflexões profundas sobre os sofrimentos da escravidão e a resiliência daqueles que a enfrentam.

Antero – jovem escravo de espírito forte e destemido, que representa a resistência e a humanidade dos negros escravizados. Apesar de sua condição, não se resigna ao sofrimento e busca, de maneira silenciosa, preservar sua dignidade. Sua história se entrelaça com a de Mãe Susana, compartilhando com ela os horrores da escravidão.

Luís – tio de Úrsula, homem de natureza gentil, mas que também sofre sob a tirania de Fernando P. Embora menos ativo no desenrolar da trama, sua figura representa aqueles que, apesar da bondade, encontram-se aprisionados pelas circunstâncias e pelo domínio dos poderosos.

2.5 CRONOTOPO DA NARRATIVA

A narrativa se passa no Maranhão, no século XIX, em uma sociedade agrária marcada pela presença de grandes latifúndios e pela predominância da mão de obra escravizada. O ambiente rural é o cenário principal da história, refletindo as relações de poder e a forte hierarquia social entre senhores, escravizados e agregados. Os casarões senhoriais, as senzalas e as vastas extensões de terra cultivadas servem não apenas como pano de fundo, mas também como elementos que influenciam diretamente a dinâmica entre os personagens e seus destinos.

O tempo na obra é majoritariamente linear e cronológico, acompanhando a progressão dos eventos de maneira sequencial. No entanto, há momentos estratégicos de flashback que resgatam acontecimentos do passado, fornecendo ao leitor uma compreensão mais profunda sobre as origens e os dilemas das personagens. Essas incursões temporais ajudam a revelar segredos, ressentimentos e conflitos que moldam as escolhas feitas ao longo da trama.

Além da passagem do tempo histórico e dos eventos que se desenrolam no presente da narrativa, a obra também trabalha com o tempo psicológico, evidenciado nas lembranças e reflexões das personagens. As memórias do passado e as expectativas em relação ao futuro influenciam diretamente as ações e os sentimentos de cada um, criando um entrelaçamento entre os fatos e as emoções que emergem das experiências vividas.

Dessa forma, a história transita entre a objetividade dos acontecimentos históricos e a subjetividade das personagens, abordando não apenas os impactos das transformações sociais e políticas da época, mas também as consequências emocionais e existenciais das relações de dominação, afeto e perda.

3. A ESTRUTURA POLIFÔNICA DO ROMANCE

A polifonia constitui um dos conceitos mais significativos da teoria literária elaborada por Mikhail Bakhtin. O teórico russo empregou esse termo para descrever a coexistência de múltiplas vozes independentes dentro de uma obra literária, cada uma delas dotada de sua própria perspectiva e autonomia discursiva. Segundo Bakhtin, "Dostoiévski apresenta em forma artística uma espécie de sociologia das consciências [...]. Cada ideia dos heróis de Dostoiévski sugere desde o início uma réplica de um diálogo não-concluído. Essa ideia não tende para o todo sistêmico-monológico completo e acabado" (Bakhtin, 1981, p. 49). Esse princípio permite a constituição de narrativas onde não há um discurso autoritário central, mas sim um diálogo interdependente entre diferentes consciências que se desenvolvem sem se dissolver em uma única perspectiva dominante. A polifonia, portanto, se apresenta como uma forma de articulação das várias vozes presentes no texto, cujos conflitos e interações não se resolvem em uma síntese final.

Embora a polifonia tenha sido originalmente discutida no contexto da obra de Dostoiévski, seu impacto transcende esse campo específico, influenciando tanto a teoria literária quanto outras disciplinas, como a linguística e a psicanálise. Artur Roberto Roman (1992-1993, p. 195) ressalta que "a polifonia é um conceito muito caro à linguística contemporânea", utilizada metaforicamente por Bakhtin na análise da obra de Dostoiévski, e por Lacan, na caracterização do inconsciente, participa hoje do acervo conceitual de diversos ramos da ciência da linguagem". Esse deslocamento do conceito para diferentes áreas do conhecimento reforça seu caráter dinâmico e sua relevância para a compreensão da interação entre discursos em diferentes contextos.

No campo da literatura, a polifonia representa um afastamento das narrativas monológicas tradicionais, que costumam refletir uma única consciência dominante — geralmente, a do narrador ou do autor implícito. Em contraste, um romance polifônico permite que as vozes dos personagens se manifestem com plena individualidade, sem serem subordinadas a uma consciência autoral que determine seus significados de forma unidimensional. Essa liberdade discursiva garante que as diferentes vozes coexistam em um diálogo aberto e dinâmico, sem que uma delas prevaleça de maneira absoluta. Nesse sentido, a polifonia contrapõe-se à homofonia literária, em que "as vozes perdem a sua imiscibilidade e as consciências se tornam dependentes da consciência una do autor" (ROMAN, 1992-1993, p. 212).

A aplicação do conceito de polifonia na análise literária permite compreender como determinados romances se estruturam de maneira a refletir a complexidade das interações sociais e ideológicas. Dessa forma, a polifonia não apenas enriquece a experiência narrativa, mas também se torna um recurso fundamental para a representação da diversidade de consciências e pontos de vista que compõem a realidade humana.

A obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, mesmo narrada predominantemente por um narrador onisciente em terceira pessoa, apresenta traços de polifonia ao incorporar múltiplas vozes narrativas, especialmente as dos personagens oprimidos. Essa característica diferencia o romance de outras produções românticas da época, que geralmente privilegiavam a perspectiva das elites e reforçavam ideais conservadores.

Em um dos momentos mais marcantes do romance, a personagem Suzana, escravizada e mãe de Túlio, expressa sua dor e revolta diante da condição que lhe foi imposta:

“Sou escrava! Meu filho é escravo! Meu velho pai morreu sem ter um só dia de liberdade!... Oh! Deus de bondade! Terá a minha raça sido esquecida por ti?”

Esse trecho ilustra como Maria Firmina dos Reis rompe com a tradição literária dominante, dando voz e subjetividade às personagens escravizadas, que não aparecem apenas como figuras passivas ou secundárias, mas como sujeitos ativos de sua própria narrativa.

Nesse sentido, a obra se distancia de uma literatura que, com frequência, apresentava uma resolução conciliatória dos conflitos sociais. A autora mantém a dor e a resistência das personagens escravizadas, sem buscar uma redenção definitiva, e isso enriquece a obra ao refletir a complexidade das relações sociais da época, especialmente no contexto da escravidão e do patriarcado.

Segundo Roman (1992-1993, p. 209), "ao enfatizar o caráter dialógico aberto do universo artístico de Dostoiévski, Bakhtin destaca outra característica de seu estilo: a inconclusibilidade. Na trama construída por Dostoiévski, não há uma superação dialética entre a multiplicidade de consciências que povoa os seus romances; os problemas e as contradições não se resolvem, continuam ‘irremediavelmente contraditórios’".

Esse princípio pode ser aplicado a Úrsula, pois a narrativa permite que as vozes dos escravizados Túlio e Suzana expressem diretamente seus sentimentos, angústias e percepções sobre a realidade em que vivem. Diferente do Romantismo tradicional, que frequentemente apresentava uma resolução conciliadora, Maria Firmina dos Reis mantém essas vozes em sua dor e resistência, sem uma redenção definitiva, tornando sua obra singular dentro do contexto literário do século XIX.

No contexto literário do século XIX, a voz dos escravizados costumava ser silenciada ou mediada pela visão dos senhores. No entanto, em Úrsula, Maria Firmina dos Reis inova ao conferir a essas figuras um discurso próprio, dotado de subjetividade e carga emocional. Como observa Roman (1992-1993, p. 210), "a polifonia medieval foi um dos elementos que influenciaram a construção da poética de Dostoiévski, na qual diferentes vozes se sobrepõem sem uma hierarquia fixa, em um processo de interpenetração e confronto dialógico". Esse mesmo fenômeno pode ser percebido na obra de Firmina dos Reis, que não reduz seus personagens escravizados a meros coadjuvantes passivos, mas os coloca como agentes de suas próprias histórias.

Um exemplo marcante ocorre no discurso de Túlio, um dos personagens negros da obra, que lamenta sua situação e denuncia a crueldade da escravidão:

“Oh! minha senhora, bem sei que sou escravo; mas também sei que Deus não fez um homem para ser propriedade de outro homem, como um cavalo, como um boi! Eu sei que tenho alma, que penso, que amo, que sinto em mim arder esta centelha divina que nos vem do céu, e que se chama liberdade!”

Esse trecho evidencia como Firmina dos Reis concede subjetividade a Túlio, conferindo-lhe consciência e emoção. Ao fazê-lo, a autora antecipa, de certa forma, a polifonia que Mikhail Bakhtin identifica em Dostoiévski, onde diferentes vozes coexistem sem serem subordinadas a uma única perspectiva dominante. Assim, Úrsula não apenas denuncia o sistema escravista, mas também subverte as narrativas tradicionais, ao trazer para o centro do enredo aqueles que, historicamente, tiveram suas vozes silenciadas.

A narrativa também confere espaço à perspectiva feminina, especialmente na construção da personagem Úrsula e de sua mãe. Em contraste com o ideal de submissão feminina propagado por muitos romances do período, Maria Firmina dos Reis apresenta

personagens femininas que, mesmo dentro das limitações impostas pela sociedade patriarcal, desenvolvem consciência crítica sobre sua condição. A voz da mãe de Úrsula, por exemplo, é fundamental para revelar as injustiças cometidas por Fernando P., contribuindo para a estrutura de denúncia do romance.

Um momento emblemático ocorre quando a mãe de Úrsula, em sua fragilidade física, mas com extrema lucidez moral, alerta a filha sobre os perigos que a cercam:

“Minha filha, minha pobre filha! Se soubesses quão amargo é o pão que se come entre lágrimas, se imaginasses quanto custa viver sem liberdade, sem esperança, sem ventura... não acreditarias nunca nas palavras doces que às vezes nos iludem, mas que ocultam por trás delas a desgraça e a traição.”

Esse trecho revela a consciência da personagem sobre a fragilidade da posição feminina na sociedade e sua tentativa de proteger Úrsula dos males que a esperam. Dessa forma, Maria Firmina dos Reis constrói um espaço de resistência feminina em sua obra, oferecendo uma crítica ao patriarcado e antecipando discussões sobre a emancipação da mulher que viriam a ganhar força nos séculos seguintes.

Outro aspecto que evidencia a polifonia na obra é a presença de Fernando P., cuja perspectiva também é explorada em determinados momentos. O vilão não é apenas descrito externamente, mas tem seus pensamentos e motivações revelados ao leitor, permitindo um entendimento mais amplo das forças opressivas que movem a trama. Essa abordagem contribui para uma visão multifacetada dos conflitos e reforça a crítica social presente na obra, ao expor os mecanismos de dominação que sustentavam a escravidão e o patriarcado.

Em um dos trechos da narrativa, Fernando P. reflete sobre seu poder e os meios que utiliza para alcançar seus objetivos:

“Ela será minha! Que me importam as súplicas de uma mulher frágil? Que me importa a resistência inútil de um velho agonizante? O que vale o pranto de uma moça diante da vontade firme de um homem? Nada. Hei de tê-la, custe o que custar.”

Esse trecho revela a mentalidade do opressor, que vê suas vítimas como obstáculos a serem vencidos e não como seres dotados de vontade própria. Maria Firmina dos Reis,

ao conceder voz ao antagonista, não apenas aprofunda sua caracterização, mas também evidencia a lógica brutal que sustenta as relações de poder na sociedade escravocrata e patriarcal. Dessa forma, a autora constrói um discurso literário que não apenas denuncia a opressão, mas também permite ao leitor compreender as engrenagens da dominação, reforçando a potência crítica de Úrsula.

Assim, Úrsula rompe com a estrutura tradicional do romance romântico ao diversificar os pontos de vista dentro da narrativa. Ao conferir voz ativa a personagens marginalizados, Maria Firmina dos Reis não apenas humaniza essas figuras, mas também questiona os discursos dominantes do século XIX, promovendo uma literatura comprometida com a denúncia da opressão e a valorização da pluralidade de experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis, constitui uma obra singular dentro da literatura brasileira do século XIX, tanto por seu conteúdo temático quanto por sua estrutura narrativa. Em um período marcado pela predominância do Romantismo idealizado e pela invisibilização das vozes subalternas, a autora rompe com padrões ao construir uma história que não apenas tematiza a escravidão, mas dá voz e subjetividade aos personagens escravizados. Diferente de muitos romances românticos da época, que abordavam a escravidão de maneira tangencial ou paternalista, Úrsula explicita as violências do sistema escravista por meio da vivência e da dor dos próprios cativos, tornando-se um dos primeiros registros literários a humanizar essas figuras dentro da ficção brasileira.

Além da crítica à escravidão, a obra também problematiza a condição feminina no Brasil oitocentista, evidenciando o controle patriarcal sobre as mulheres e as poucas opções de autonomia disponíveis para elas. A trajetória da protagonista Úrsula reflete não apenas a opressão imposta pela sociedade, mas também a resistência feminina diante das imposições do casamento forçado e da submissão familiar. Dessa forma, Maria Firmina dos Reis antecipa discussões que seriam aprofundadas posteriormente pela literatura

feminista e insere-se como uma precursora na denúncia da dupla opressão sofrida por mulheres – especialmente as mulheres negras, cuja existência era atravessada tanto pelo racismo quanto pelo sexismo.

No que diz respeito à sua estrutura narrativa, *Úrsula* também apresenta inovações ao incorporar elementos de polifonia dentro de um enredo tradicionalmente romântico. O narrador onisciente, embora seja a voz principal, permite que os personagens marginalizados se expressem, contribuindo para uma multiplicidade de perspectivas dentro da história. Esse recurso reforça a dimensão crítica do romance e aprofunda a complexidade dos personagens, que não são apenas arquétipos típicos do Romantismo, mas indivíduos dotados de subjetividade e agência.

Por todas essas características, *Úrsula* transcende seu contexto de produção e continua sendo uma obra relevante nos debates contemporâneos sobre literatura, identidade e exclusão social. Seu valor reside não apenas na importância histórica como primeiro romance escrito por uma mulher negra no Brasil, mas também em sua qualidade literária e na capacidade de provocar reflexões críticas que dialogam com questões ainda presentes na sociedade atual. A denúncia da escravidão, a crítica à estrutura patriarcal e a representação inovadora das personagens fazem de *Úrsula* um marco da literatura brasileira, cuja redescoberta e valorização são fundamentais para uma compreensão mais ampla da tradição literária nacional.

REFERÊNCIAS

ABREU, José Antônio Carvalho Dias de. **Os abolicionismos na prosa brasileira: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis**. 2013. Tese (Doutorado em Letras – Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas na Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2015

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 2. ed. GOMES, Jerusa. **Maria Firmina dos Reis: uma escrita além do tempo**. São Luís: EDUFMA, 2017.

GONÇALVES, Andressa Aparecida. **A escrita de Maria Firmina dos Reis e a contestação ao sistema escravocrata brasileiro**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

NUNES, Maria Zilda da Cunha. **A narrativa abolicionista de Maria Firmina dos Reis**. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, São Paulo, n. 29, p. 15-34, 2017.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. São Paulo: Publisher Brasil, 2018.

ROMAN, Artur Roberto. **O conceito de polifonia em Bakhtin - O trajeto polifônico de uma metáfora**. *Letras*, Curitiba, n. 41-42, p. 195-220, 1992-1993. Editora da UFPR. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Ficção e história: Maria Firmina dos Reis e a formação do romance social brasileiro**. *Revista Letras*, Curitiba, n. 72, p. 93-112, 2007.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SOUZA, Natália Lopes de. **Uma senhora maranhense que cultiva as belas letras: Maria Firmina dos Reis e sua trajetória na imprensa (1860–1911)**. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.